

A DANÇA DAS EMBAÚBAS

Paisagens de um pós-apocalipse

THE DANCE OF THE EMBAÚBAS
A post-apocalypse landscape

Tuanne Monteiro de Carvalho¹ e Leandro Ferreira Marques²

Resumo

Qual o futuro de uma área devastada? O que brota nos escombros? O que sobrevive em meio às ruínas? Estas perguntas ecoam em nossos pensamentos enquanto exploramos caminhos teóricos para refletir sobre a desocupação compulsória de cinco bairros em Maceió-AL, devido a um processo contínuo de afundamento do solo provocado pela extração de minério. Ao desvelar fragmentos de habitabilidade no cenário apocalíptico implantado na cidade, encontramos nos textos de Anna Tsing (2019, 2014) pistas para uma múltipla e entrelaçada análise da paisagem, sem excluir as camadas perversas e destruidoras imbricadas ao conceito-chave do *Antropoceno*. Recorremos às descrições de nossas observações, fotografias e imagens de satélite para interpretação do fenômeno e consolidação das nossas reflexões. Imaginar paisagens para um *pós-antropoceno* nos instigou a reconhecer outros seres e relações atuantes neste espaço urbano em respectivo arruinamento e resistência, a traçar novos caminhos para pensar sobre a nossa história e o nosso futuro...

Palavras-chave: paisagem, desastre urbano-socioambiental, memória urbana, Maceió-AL.

Abstract

What is the future of a region devastated by land subsidence? What will emerge from the rubble? What will survive amidst the ruins? These questions were on our minds as we explored theoretical paths to reflect on the forced eviction of five neighborhoods in Maceió-AL caused by ore mining. Uncovering fragments of habitability in the apocalyptic scenario implemented in the city, we found clues in Anna Tsing's texts (2019, 2014) for a multiple and intertwined analysis, without excluding the perverse and destructive layers imbricated in the concept of the Anthropocene. We relied on observations, photographs, and satellite images to interpret the phenomenon and support our conclusions. Imagining landscapes for a post-Anthropocene has led to the recognition of other beings and relationships at work in this urban space, in the process of being ruined and resisted, and tracing other paths to think about our history and our future...

Keywords: landscape, urban-socioenvironmental disaster, urban memory, Maceió-AL.

¹ Arquiteta e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU/UFAL (2017), tendo realizado graduação sanduíche na Savannah College of Art and Design, pelo CSF/CAPES (2014-2015). Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU/UFAL (2021). Atualmente, Doutoranda em Urbanismo pelo PROURB/UFRJ é bolsista Capes/PRINT na modalidade doutorado sanduíche na Technische Universität Berlin (2023-2024). Ao refletir sobre temas como Paisagem, Memória Urbana e Direito à Cidade, é pesquisadora do Laboratório de Projetos Urbanos – LAPU/PROURB/UFRJ (2022) e do Laboratório de Interpretação de Núcleos Habitados – LIN.A/PPGAU/UFAL (2020). E-mail: tuanne.carvalho@fau.ufrj.br

² Arquiteto e Urbanista pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo FAU/UFAL (2022). Atualmente, mestrando em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia, no qual é bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia e integrante do grupo de pesquisa ¡DALE! – Decolonizar a América Latina e seus Espaços. E-mail: leandromarques@ufba.br

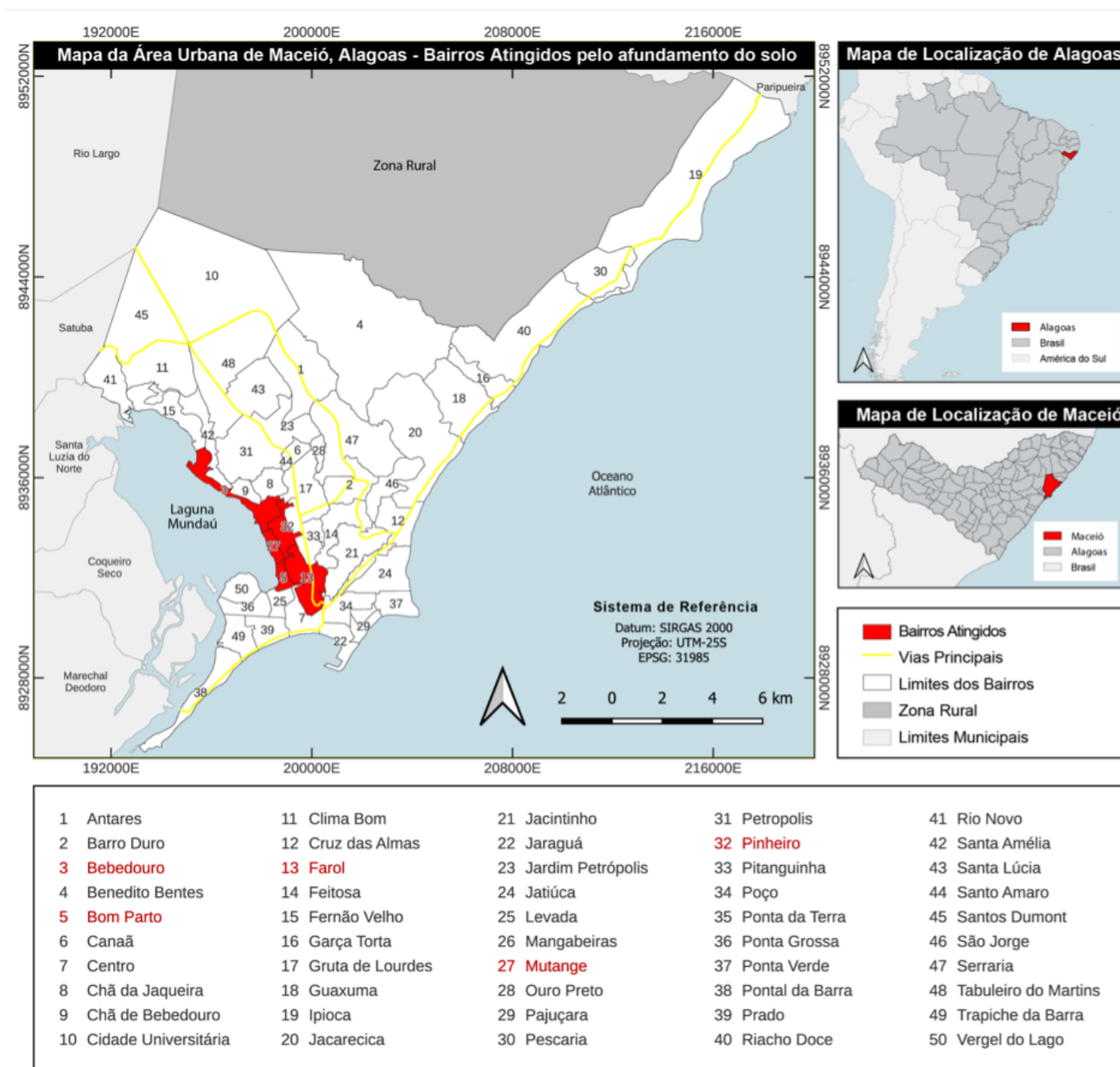


Introdução

Qual o futuro de uma área devastada? O que brota em meio aos escombros? O que sobrevive em meio às ruínas? Estas perguntas ecoam em nossos pensamentos enquanto liamos o livro *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*, da antropóloga Anna Tsing (2019). Estávamos em busca de referências e caminhos teóricos para refletir sobre uma situação urbana sem precedentes que vem ocorrendo na cidade de Maceió-AL. Parte de cinco bairros vem sendo compulsoriamente evacuados devido a um processo contínuo de afundamento do solo, provocado pela extração de minério por mais de quatro décadas no subsolo da área urbana. Percorrer esses bairros ou, ao menos, os trechos em que ainda é permitido acessá-los, é caminhar entre ruínas, esqueletos de edificações, bairros fantasmas implantados bem no centro territorial da cidade. Possivelmente, as descrições sobre as paisagens que nos deparamos em Maceió, que aqui chamaremos de *paisagens apocalípticas*, não se afastam muito das *paisagens daninhas* descritas por Tsing (2019, p. 242), “o tipo de lugar que caracteriza o Antropoceno, nosso tempo de ruína industrial”.

Não pretendemos fazer uma *antropologia das ruínas*, somos arquitetos urbanistas debruçados sobre uma cidade latinoamericana, de maioria autodeclarada negra em um processo contínuo de afundamento do solo, o qual vem acentuando desigualdades latentes e enraizadas na dinâmica da urbe que, por sua vez, aponta para uma insistente produção de espaços por práticas de apagamentos (Guatelli, 2023). Por outro lado, nos encontramos próximos ao pensamento de Tsing (2019, 2014), quando somos convidados a enxergar nas paisagens fragmentos de habitabilidade, ainda que envoltos em cenários apocalípticos. Ao compreendermos a *Paisagem* como uma ferramenta de investigação analítica para (sobre)vivermos no *Antropoceno* e ao tentar “descortinar o potencial do design não intencional em paisagens antropogênicas” (Cardoso, 2019,

Figura 2 - Mapa de localização de Alagoas no Brasil, de Maceió/AL e dos bairros atingidos pelo afundamento do solo na área urbana de Maceió. Fonte: Falcão, 2024 (adaptado pelos autores, 2024).



p. 24). As observações e descrições críticas conduzidas por Tsing (2019, 2014) nos convidam a experimentar outras formas de pensar as paisagens, para uma múltipla e entrelaçada análise, sem excluir as camadas perversas e destruidoras imbricadas ao conceito-chave do *Antropoceno*. Por esse motivo, nos permitimos seguir pistas propostas pela antropóloga, tomamos seu texto (Tsing, 2019) como um guia para enxergar esse espaço urbano de uma outra maneira e, assim, tecer reflexões sobre a produção de imaginários e poéticas para além das cenas apocalípticas herdadas compulsoriamente de um *suposto crime*, pois até a data de construção deste ensaio a Empresa Petroquímica Braskem S. A. não foi oficialmente criminalizada pela crise urbano-socioambiental em curso. Aceitamos o seu convite, ou a *abertura da porta*, para embarcar em saltos imaginativos e, assim, vislumbrarmos *paisagens pós-antropoceno*.

Buscamos estruturar este ensaio conforme decorreu a sua elaboração, iniciamos por uma breve exposição da situação em curso em Maceió, em diálogo com as nossas primeiras impressões sobre a paisagem de *terra arrasada*, ou *paisagens apocalípticas*. Para refletir sobre tais perturbações, mobilizamos trabalhos e entrevistas concedidas por Anna Tsing, para pensar acerca da relação conflituosa entre apocalipse e utopia no contexto do *Antropoceno*. Nesse sentido, nos pareceu ser importante discutir o

que seriam *paisagens apocalípticas*, *utópicas* e *antropocênicas* para, então, delinear elucubrações acerca de um *pós-antropoceno*. Entrelaçamos ao texto reflexões de Anna Tsing (2019) para introduzir a segunda parte deste ensaio, que se dedica a nossa trajetória na descrição e reconhecimento de uma paisagem particular *implantada* no meio de Maceió. Recorremos ao conhecimento de Tsing (2019, p.123) para identificar sociabilidades mais que humanas e, assim, desdobrar novos ângulos para interpretar as paisagens. Além das descrições de nossas observações, utilizamos fotografias e imagens de satélite para auxiliar na interpretação do fenômeno e na consolidação de nossas interpretações. Narrar a *dança das embaúbas* nos conduziu a devanear sobre uma paisagem que resiste em um presente degenerado e de futuro incerto. Enquanto tentamos compreender as complexas tramas envolvendo o caso, neste ensaio, permitimos alentar a nossa imaginação pelas *paisagens multiespécies* (Tsing, 2019) visando contribuir com outras formas de registro, reflexão e exposição do que vem acontecendo com as paisagens de cinco bairros em Maceió.

Paisagens apocalípticas

Nos últimos seis anos, a cidade de Maceió, capital de Alagoas, estado do nordeste brasileiro (Fig. 01), e seus habitantes têm enfrentado um desastre urbano-socioambiental sem precedentes: parte de cinco bairros foram compulsoriamente esvaziados em razão da extração de sal no subsolo do município. Desde março de 2018, quando um terremoto de leve intensidade acelerou um processo de afundamento do solo e intensificou o aparecimento de fissuras em edificações e vias no bairro do Pinheiro, iniciaram a convocação de especialistas para realizar estudos na região. Em maio de 2019, um relatório técnico do Serviço Geológico do Brasil (CPRM) apontou que as atividades da empresa petroquímica Braskem, instalada no município na década de 1970, provocaram os tremores de terra que resultaram no afundamento do solo em curso (Brasil, 2019), cuja consequência foi a desocupação total do bairro Mutange e parte dos bairros de Bebedouro, Pinheiro, Bom Parto e Farol (Fig. 2). O afundamento do solo é um processo em curso e ainda não se sabe definir com precisão quando a área diretamente afetada irá se estabilizar. Até o momento, cerca de 60 mil pessoas tiveram que deixar as suas residências, uma área que abrange mais de 14 mil imóveis (Braskem, 2024). Escolas, creches, hospitais, clínicas, igrejas, diversas instituições públicas e privadas, centenas de estabelecimentos comerciais de pequeno e médio porte tiveram que fechar as portas e, em alguns casos, encerrar definitivamente as suas atividades.

O poder público municipal, estadual e federal vem fazendo negociações e acordos com a empresa responsável pelo *suposto crime* desde 2020 a fim de obter compensações para os prejuízos catastróficos deixados para a cidade e seus habitantes, não se pode excluir o alto custo para compensar os danos ambientais, culturais, sociais, assim como, a infraestrutura e os serviços públicos que eram fornecidos nesses bairros e o atendimento adequado à população que se espalhou pelo município. Ao participarmos de audiência pública na Câmara Municipal de Maceió e das quatro escutas públicas organizadas pela empresa Diagonal — contratada pela Braskem para realizar *estudos sociais* para subsidiar discussões com o Ministério Público Estadual, Ministério Público Federal e Prefeitura Municipal de Maceió, sobre os possíveis projetos para ações compensatórias a serem implementadas —, todas ocorridas no mês de março de 2023, foi possível rascunhar uma compreensão acerca dos agentes e tensões envolvidas no processo e constatar a insatisfação da população diretamente afetada por meio de inúmeros depoimentos. Os desafios a serem enfrentados também se somam e refletem os problemas históricos da cidade, marcados por um crescimento urbano acelerado que induziu disparidades atreladas ao grande nível de desigualdade social na capital alagoana. Maceió é unidade federativa com o menor Índice de Desenvolvimento

Humano Municipal (IDHM) no Brasil de acordo com o Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2022) e ainda destaca-se pelas grandes disparidades encontradas entre os IDHM: enquanto as áreas mais precárias pontuam 0,522, as mais estruturadas chegam a 0,956. Uma cidade marcada por desigualdades e conflitos aparentemente inegociáveis, que face ao afundamento do solo, se mostram mais latentes, catalisando vulnerabilidades num cenário de insegurança.

“As ruínas agora são os nossos jardins” Anna Tsing (2014, p. 87, tradução nossa) é categórica ao descrever o tempo em que vivemos. Para nós, jovens pesquisadores da cidade, para as milhares de pessoas que perderam suas casas, empregos, fontes de renda, relações de vizinhança, seu lugar no mundo... Para aqueles que passam desavisados pela cidade que segue afundando, a situação em curso em Maceió poderia ser facilmente apresentada como roteiro de ficção científica de um filme apocalíptico, mas não é. O caráter ficcional do termo apocalipse pode causar estranhamento, mas não nos é novidade. É apenas mais um caso de exploração extrema de recursos naturais por empresas transnacionais em detrimento às relações preexistentes e aos arranjos de habitabilidade em um determinado território. Tsing (2019, p. 23) também é contundente ao referenciar os impactos de proporções geológicas que as interferências humanas atuam nas dinâmicas ambientais do planeta: “Nosso tempo é o Antropoceno, a era da perturbação humana”.

Em uma entrevista concedida à Luz Gonçalves Brito (2021), Anna Tsing também reconhece que o termo Antropoceno apresenta falhas quanto a sua interpretação, a antropóloga conta que concorda com a posição de Donna Haraway sobre a necessidade de existirem mais palavras para discutir o que vivemos: “Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno — todas essas palavras” (Brito, 2021, p. 414). Por outro lado, ela indica que sustenta o uso do termo como uma ferramenta para manter o diálogo aberto com os demais campos, o que também lhe parece ser de extrema importância. “O Antropoceno oferece oportunidades ao mesmo tempo terríveis e maravilhosas para descrever o mundo de novos modos e sobre todos os novos envolvimento ao redor” (Tsing, 2019, p. 414). Para ela, o argumento de Bruno Latour sobre vivermos como se o fim da vida na terra da maneira como a conhecemos já tivesse chegado ao fim, é bastante corajoso. “Não devemos ter medo, ele argumenta, das acusações de sermos apocalípticos; **em vez disso, devemos usar o apocalipse como um tropo para aumentar nossa consciência**” (Tsing, 2019, p. 173, grifo nosso). A antropóloga sugere que é imprescindível que tenhamos esperança para provar o contrário do que Latour indica, mas que esta esperança não deve intervir na descrição dos terrores, no investigar as ruínas. “O Antropoceno verdadeiramente global é aquele em que todos nós já estamos mortos, em função da crise ambiental. O fato de vivermos fala fragmentos de habitabilidade entre novas formas de morte. O impasse conceitual, então, é o que temos que viver” (Tsing, 2019, p. 221).

Temos que viver, entre apocalipses, utopias e outras formas de habitabilidade. Tsing (2019, p. 227) argumenta que para os humanos prolongarem a *subsistência* na terra, precisam considerar a tarefa já realizada por muitos organismos, a ressurgência, ou seja, a reconstrução de paisagens habitáveis e assembleias multiespécies em meio às perturbações. Para a autora é imprescindível relacionar todos os tipos de seres na construção de histórias de paisagens, humanos e não humanos. Como podemos observar na plataforma digital *online* intitulada *Feral Atlas* (Tsing, et al., 2020), que apresenta de forma imagética, poética e potente histórias sobre o Antropoceno, a partir das relações imbricadas entre entidades não humanas e composições de infraestruturas humanas. Atualmente, a plataforma conta com setenta e nove relatórios de pesquisadores de diversos campos, onde reconhecem e demonstram ecologias que foram se formando a partir das infraestruturas construídas pelos homens, mas que se espalharam, expandiram e saíram do controle humano.



Figura 3 - Conjunto de imagens da dos bairros afetados, feitas em visita no dia 17 de agosto de 2023. As figuras sofreram alterações em sua saturação para destacar apenas o verde da vegetação que desponta em meio às ruínas. Fonte: Acervo dos autores, 2023.

Nenhuma dessas pessoas ou histórias, no entanto, conta a história do Antropoceno como um todo. Em vez disso, argumentamos que uma maneira de entender melhor o que está acontecendo ao nosso redor é contar *histórias granulares* dos efeitos selvagens do Antropoceno, entendido como um fenômeno espacial e temporal. Acreditamos que isso atenderia melhor às questões de justiça social, por um lado – a distribuição desigual de recursos e as formas de violência ao nosso redor – e, por outro, os fenômenos naturais relevantes para as ciências naturais que estão surgindo ao nosso redor. (Tsing; Bazzul, 2022, p. 310, tradução nossa).

As pragas que proliferam no antropoceno, ou as assembleias daninhas, conformam a *paisagem* como um objeto de investigação no qual a heterogeneidade demonstra outros *projetos de fazer mundo*. “Assim também podemos enfrentar um desafio analítico central do pensamento sobre o Antropoceno: como combinar paisagem e história para que a diferença e possibilidade permaneçam à vista” (Tsing, 2019, p. 265). Então retornamos às nossas inquietações, apesar da destruição, o que brota em meio às ruínas? Se há uma perturbação implantada pela Braskem, uma empresa transnacional, que explorou e lucrou com a extração de sal-gema, gerando enormes crateras no subsolo de uma área urbana, fazendo a superfície de parte de cinco bairros afundar continuamente e a expulsão de milhares de pessoas de suas residências; deve haver também uma *paisagem daninha*, simbioses, coordenações e histórias em meio à perturbação da área diretamente pelo *suposto crime* urbano-socioambiental. O nosso salto imaginativo é pensar que para além das descrições de uma *paisagem apocalíptica*, conseguimos enxergar outras formas de habitabilidades e ressurgências no desastre em curso... Antes que as diversas camadas de vida, histórias, fragmentos do que restou e também daquilo brotou em uma paisagem arruinada venham a ser dissolvidas e aterradas, como já ocorreu no bairro Mutange (Carvalho, T., 2023), nos disponibilizamos a observar a *dança das embaúbas* que se destacam em meio aos esqueletos das edificações nos bairros em afundamento na cidade de Maceió.

A dança das embaúbas

A desocupação total do bairro Mutange e parte dos bairros de Bebedouro, Pinheiro, Bom Parto e Farol modificou a paisagem. Com a remoção física compulsória dos moradores, frequentadores e o fechamento ou realocação de serviços, comércios, indústrias e instituições, a área atingida ficou marcada por um cenário de ruínas, de algo que já não é mais. Cascas de paredes mofadas com reboco soltando, pinturas desgastadas; pelas brechas das portas e janelas retiradas é possível ver os ambientes internos, ora vazios, ora com móveis deixados na correria das mudanças, mas sem mais pessoas, às vezes sem telhado. A marca de um lugar forçadamente abandonado e descaracterizado devido ao espólio feito por quem lá morava na tentativa de aproveitar peças antigas, seja por memória ou questões econômicas, desde louças, vasos sanitários, grades, janelas, portas, telhas, madeiras, até parte da própria alvenaria. Antes da remoção física compulsória, a área atingida já sofria com danos nos imóveis e suas ruas: trincas, rachaduras e fissuras surgiram e evoluíram devido ao ainda ativo processo de afundamento do solo. No meio dessas ruínas de casas rachadas, forçadamente abandonadas e descaracterizadas, surgem pequenas plantas, algumas árvores; pássaros cantam com mais frequência pela região; as ruas e calçadas cheias de folhas; nos edifícios, sem mais cobertas, sem mais esquadrias e sem parte das divisões internas, árvores despontam, bem como nas calçadas, em lugares que antes não existiam. Tomamos essa percepção enquanto moradores de Maceió e pesquisadores sobre o fenômeno que visitavam os bairros atingidos em diferentes épocas, seja pela curiosidade, pela dor, pela raiva ou por questões de pesquisa. Na



Figura 4 - Conjunto de imagens da embaúba em Neópolis, Sergipe. Fonte: CARVALHO, 2006.

construção dessa percepção, mais ainda com o pensar a escrita deste ensaio seguindo as pistas de Tsing (2019), fomos entendendo uma nova vida emergente nos bairros atingidos: a da flora, principalmente das embaúbas, despontando alto nas ruínas, mais avantajadas e amadurecidas, em busca de sol.

Em uma das visitas e passagens pelos bairros afetados, em 17 de agosto de 2023, realizamos uma série de registros despretensiosos. Ao revisitar essas fotografias nos deparamos com o despontar das embaúbas em diversos dos registros (Fig. 03). Ao passo que as pessoas moradoras e frequentadoras dos bairros atingidos saíam de suas casas e da região demarcada para evacuação em vista do processo de afundamento do solo a área deixava de ser habitada. Com o passar do tempo percebe-se que esse lugar, não mais habitado pela presença humana, foi dominado por uma flora e uma fauna. Ao tentar pensar nas paisagens que emergiram dentro do apocalipse para além de uma figura antropocêntrica a partir de Tsing, vemos o despontar do verde dentro das ruínas e ficamos mais especificamente curiosos com as embaúbas. “Em meio a perturbações, simbioses, coordenações, histórias, as paisagens oferecem o inesperado” (Tsing, 2019, p.116). Nesse ímpeto investigativo, decidimos então nos debruçar sobre tal árvore. Recorremos à coleção de livros “Espécies Arbóreas Brasileiras” da Embrapa (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) feita pelo pesquisador Paulo Ernani Ramalho Carvalho (2003; 2006; 2010) para falar sobre as embaúbas³. Dentre os cinco volumes, três falam de três espécies de embaúba, neles são apresentadas informações quanto a taxonomia, descrição, reprodução, ocorrência, aspectos ecológicos, clima, solos, biomas, utilização, dentre outros dados de 340 espécies arbóreas nativas do Brasil. As três espécies de embaúba compartilham características bem similares entre si já que fazem parte do mesmo gênero arbóreo (*Cecropia*).

A embaúba é uma árvore de médio a grande porte, faz parte do gênero *Cecropia* e é encontrada nos biomas da Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal (Fig. 04). O termo embaúba vem do tupi *ambaíba*, que significa árvore oca, já *Cecropia* vem de *Cecrops*, “filho da Terra, meio homem e meio serpente ou da palavra grega que significa chamar, ecoar, referindo-se ao caule e ramos ocos de plantas desse gênero, usados na fabricação de instrumentos de sopro” (Carvalho, 2003, p. 451). O gênero *Cecropia* é bem variado, possui cerca de 100 espécies, dentre elas: a embaúba (*Cecropia pachystachya*); embaúba-prateada (*Cecropia hololeuca*); e embaúba-vermelha (*Cecropia glazioui*), todas encontradas no Brasil. As espécies têm algumas diferenças: enquanto umas medem entre 6 e 12 metros de altura, outras podem atingir até 25 metros na fase adulta. Por outro lado, elas têm diversas similaridades: os troncos são de perfil cilíndrico, retos, com anéis ao longo de seu comprimento, ocos e cheios de formigas do gênero *Azteca*; são perenifólias, ou seja, mantém sua folhagem durante todo o ano; tem copas pequenas e abertas com ramos horizontais; têm frutos em forma de cápsula elipsoidal, como espigas em formas de dedos, com grande quantidade de sementes e produzidos durante todo ano em abundância, eles são uma fonte de alimento de diversos animais; por conta disso, a dispersão dos frutos e sementes é zoocórica, isto é, feita por animais.

Dentre as características da embaúba, queremos destacar sua importância enquanto espécie de árvore pioneira, atributo dado às primeiras vegetações a florescerem em um contexto de áreas perturbadas, seja por desmatamento, queimadas, poluição e/ou erosão, por exemplo. Seu crescimento é rápido, em cerca de 05 anos pode atingir entre 4 a 8 metros de altura, tendo sua maturidade em 10 anos. Ela também ocorre

³ A escrita da caracterização das embaúbas se referenciou nesses três volumes produzidos pelo mesmo autor e com informações alinhadas entre si (CARVALHO, 2003; 2006; 2010). A referência será posta apenas quando utilizada na forma de citação direta.

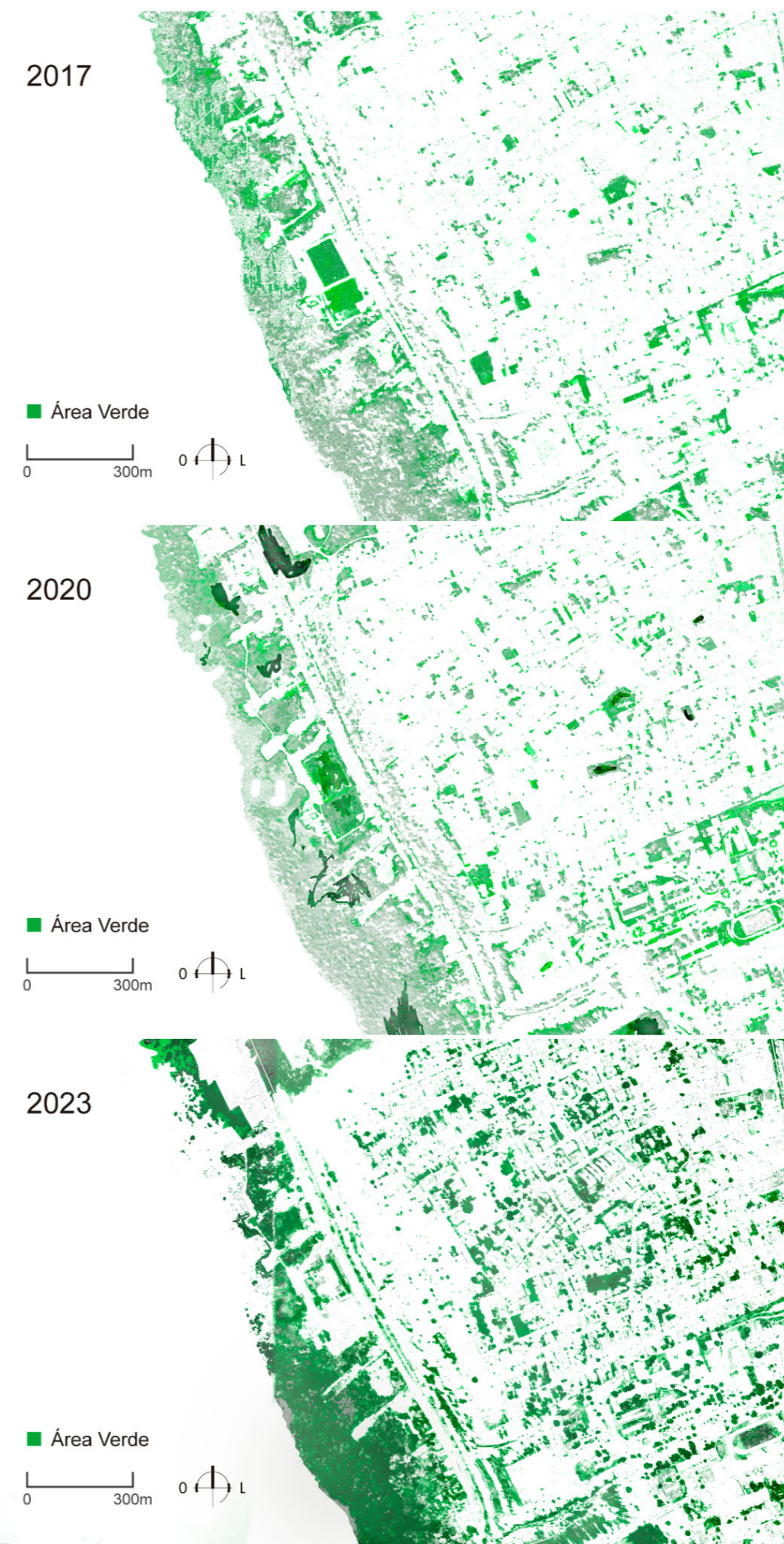


Figura 5 - Mapeamento das áreas verdes dos anos 2017, 2020 e 2023 de recorte dos bairros atingidos pelo afundamento do solo em Maceió, AL. Fonte: Google Earth Pro, 2024. Adaptado pelos autores, 2024.

naturalmente em diversos tipos de solo (ácidos, pobres, orgânicos e úmidos, apesar de preferirem terras frescas de textura arenosa a franco-argilosa). Ambos são sinais que contribuem para sua característica de pioneira, sendo a embaúba, portanto, um importante indicador da recuperação de uma floresta perturbada, servindo inclusive para identificar tais áreas. Para além da flora, ela é de grande relevância para a fauna, uma vez que seus frutos são procurados por diversas espécies de animais, como pássaros, morcegos, macacos, entre outras, garantindo seu alimento e consequente permanência deles no local antes perturbado, bem como na dispersão das sementes de embaúba.

Na continuidade de nossa investigação, fomos em busca de imagens de satélite de diferentes épocas de parte da área atingida através do recurso do *Timelapse* do *software Google Earth Pro* para averiguar se houve ou não um crescimento das áreas verdes de forma geral. Dessa maneira, selecionamos três imagens de satélite do mesmo ponto de referência de três anos diferentes: 2017, 2020 e 2023; épocas de pré, durante e pós remoção física compulsória da população atingida, respectivamente. Tratamos as imagens no *software Adobe Photoshop* para selecionar apenas os tons de verde e realçá-los, excluindo as demais cores (Fig. 05). Como resultado, podemos perceber que há sinais de um crescente aumento do tom de verde entre os anos de 2017, 2020 e 2023, com destaque para as áreas que antes eram ocupadas por humanos, ou seja, áreas que não possuíam vegetação preservada. Em sua escrita, Tsing aponta que a paisagem “[...] é constituída por padrões de atividade humana e não humana. A paisagem é um ponto de encontro para os atos humanos e não humanos e um arquivo de atividades humanas e não humanas do passado.” (Tsing, 2019, p. 16-17). Tal análise demonstra sinais de que a não presença da figura humana, qualifica a possibilidade de crescimento da flora, de outras formas de vida.

Ao passo que a figura humana não mais habita a área, as embaúbas despontam entre as rachaduras. O humano sai e o verde entra. “Toda essa história são camadas na paisagem, entrando e saindo destes lugares, **é possível verificar uma nova vida emergente**” (Tsing, 2019, p. 35, grifo nosso). O processo de remoção física compulsória ocorreu de novembro de 2019 até dezembro de 2023 através do Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação (Braskem, 2024), antes disso, desde 2018, alguns moradores já tinham sido evacuados pela Defesa Civil, em vista da interdição de suas casas devido ao risco pelos danos na estrutura dos imóveis que o afundamento do solo causava; ou tinham saído de suas casas por conta própria já que existia uma esfera de medo e insegurança no local. Dessa forma, a *paisagem apocalíptica* constituída pelo afundamento do solo vai se fazendo: na medida em que os humanos são removidos compulsoriamente da área, a vegetação toma conta. Há nítidos sinais de que essas são “[...] histórias de linhas de vida emaranhadas” (2019, p. 41), como coloca Tsing.

Pós-apocalipse?

Imaginar um *após*, um futuro, para a situação urbana em curso em Maceió não vem sendo uma tarefa fácil, pois ainda estamos incessantemente tentando compreender todas as faces e complexidades relacionadas ao caso. As remoções dos moradores e o esvaziamento dos bairros e a forma como as compensações e os acordos vêm sendo conduzidos nos posicionam fortemente no presente emergente e no reconhecimento das trajetórias que conformam essa paisagem até aqui. Não podemos deixar de assinalar que o nosso exercício descritivo-crítico, tal como, o reconhecimento de outras formas de habitabilidade, só foi possível porque Maceió e seus habitantes vivem um *apocalipse*. As primeiras ideias para este ensaio surgiram da nossa inquietação frente ao cenário distópico que se formou para os moradores removidos das *áreas de risco* e

para os demais habitantes atingidos pelo hiato urbano implantado no centro territorial da cidade. O desastre urbano-socioambiental está em curso, o solo na superfície continua cedendo e ainda existe o risco de colapso das minas de sal-gema no subsolo do município, sendo incerta a previsão de quando a região virá a ser novamente segura para a atividade urbana/humana. Por outro lado, na região compulsoriamente desocupada, os terrenos e edificações foram *comprados* pela empresa petroquímica, seguindo os acordos realizados com as autoridades públicas. Logo, conseguimos acessar a nossa imaginação para presumir um futuro como já aconteceu no bairro Mutange, com a total demolição das edificações, remoção da vegetação e retificação da encosta. Um plano *em branco* para novos empreendimentos, quem sabe? No mundo em que vivemos “a maior ameaça à ressurgência é a simplificação do mundo dos vivos como um conjunto de ativos para futuros investimentos” (Tsing, 2019, p. 239).

Pensar paisagens para um *pós-antropoceno* nos instigou a refletir sobre o caso de outra forma, a buscar outras referências, a reconhecer outros seres e relações atuantes neste espaço urbano em respectivo arruinamento e resistência. Quanto mais adentramos na construção desse exercício, levando em conta o que conseguimos compreender das pistas deixadas por Tsing (2019, 2014), mais nos aproximamos de sua emblemática citação sobre as ruínas serem nossos jardins de agora (Tsing, 2014, p. 87). Para nós, visualizar a *dança das embaúbas* que despontam aleatoriamente nos escombros das edificações nos ajudou a compreender que as ruínas, tal qual o *cenário apocalíptico*, compõem a paisagem, fazem parte das histórias e memórias urbanas que traçam os contornos físicos e simbólicos dessa localidade, as quais precisarão ser encaradas nas negociações para o seu futuro... Por esse motivo, sem negar a natureza perversa do desastre em curso, tecida como *paisagens apocalípticas*, neste ensaio, buscamos imaginar a *dança das embaúbas* como uma forma de resistir ao apagamento do que vem acontecendo, onde outras espécies sobrevivem nas ruínas e, assim, contribuem para preservar a memória do que um dia foi, e também os traços da tragédia que também fazem parte de sua história... Nas consequências da exploração extrema de uma empresa mineradora em um território habitado por diversos seres, humanos e não-humanos, conseguimos enxergar nas paisagens de um *pós-apocalipse* a força da vegetação em brotar nas ruínas e, assim, nos inspirar a traçar outros caminhos para pensar a nossa história e o nosso futuro.

Referências

- ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. Ranking IDHM. Rio de Janeiro: PNUD, IPEA, Fundação João Pinheiro, 2022. Disponível em: <http://www.atlasbrasil.org.br/ranking>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- BRASIL. Serviço Geológico do Brasil (CPRM). Estudo sobre a instabilidade do terreno nos bairros do Pinheiro, Mutange e Bebedouro, Maceió (AL). Volume I. *Relatório Síntese dos Resultados*, Nº 1. Brasília, DF: Ministério de Minas e Energia, 2019.
- BRASKEM. Linha do tempo - Alagoas. [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.braskem.com.br/linha-do-tempo-alagoas>. Acesso em: 10 jan. 2024.
- CARDOSO, Thiago Mota. A arte de viver no Antropoceno: um olhar etnográfico sobre cogumelos e capitalismo na obra de Anna Tsing. *Climacom Cultura Científica-Pesquisa, Jornalismo e Arte*, v. 2, 2019.
- CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Arbóreas Brasileiras*. 1. ed. Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2003. v. 1. 593 p. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Arbóreas Brasileiras*. 1. ed. Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2006. v. 2. 593 p. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Arbóreas Brasileiras*. 1. ed. Colombo, PR: Embrapa Florestas, 2010. v. 3. 593 p. (Coleção Espécies Arbóreas Brasileiras).

CARVALHO, Tuanne Monteiro. Montagem Mutange. *Pixo-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 7, n. 27, p. 272-285, 2023. GUATELLI, Igor. Persistências na produção do espaço por apagamentos. *Pixo-Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade*, v. 7, n. 24, p. 18-27, 2023.

GONÇALVES BRITO, L. Futuros possíveis dos mundos sociais mais que humanos: entrevista com Anna Tsing. *Horizontes Antropológicos*, v. 27, n. 60, p. 405–417, 2021.

TSING, Anna Lowenhaupt. Blasted landscapes (and the gentle arts of mushroom picking). *The multispecies salon*, p. 87-109, 2014.

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno*. Brasília: IEB/Mil Folhas, 2019. 284 p.

TSING, Anna Lowenhaupt; BAZZUL, Jesse. A feral atlas for the Anthropocene: An interview with Anna L. Tsing. In: WALLACE, M. F. G. *et al.* (ed.) *Reimagining science education in the Anthropocene*. Springer Nature, 2022. p. 309-319.

TSING, Anna Lowenhaupt; *et al.* *Feral atlas: the more-than-human Anthropocene*. Stanford University Press, 2020. Disponível em: <https://feralatlas.org/> Acesso em: 10 mai. 2024.